



Homens Imprudentemente Poéticos

Valter Hugo Mãe

[Download now](#)

[Read Online](#) ➔

Homens Imprudentemente Poéticos

Valter Hugo Mãe

Homens Imprudentemente Poéticos Valter Hugo Mãe

Num Japão antigo o artesão Itaro e o oleiro Saburo vivem uma vizinhança inimiga que, em avanços e recuos, lhes muda as prioridades e, sobretudo, a capacidade de se manterem boa gente.

A inimizade, contudo, é coisa pequena diante da miséria comum e do destino.

Conscientes da exuberância da natureza e da falha da sorte, o homem que faz leques e o homem que faz taças medem a sensatez e, sobretudo, os modos incondicionais de amarem suas distintas mulheres.

Valter Hugo Mãe prossegue a sua poética ímpar. Uma humaníssima visão do mundo.

Homens Imprudentemente Poéticos Details

Date : Published October 3rd 2016 by Porto Editora

ISBN : 9789720048868

Author : Valter Hugo Mãe

Format : Paperback 216 pages

Genre : European Literature, Portuguese Literature, Fiction

 [Download Homens Imprudentemente Poéticos ...pdf](#)

 [Read Online Homens Imprudentemente Poéticos ...pdf](#)

Download and Read Free Online Homens Imprudentemente Poéticos Valter Hugo Mãe

From Reader Review Homens Imprudentemente Poéticos for online ebook

Silvéria says

Sou fã do valter hugo mãe, como qualquer pessoa que me conhece literária e minimamente sabe. Mas este livro não me tocou de igual forma que os outros que li dele. Embora tenha ali uma parte que dá bem que pensar (todos os livros dele dão), a verdade é que houve alturas em que me senti pouco envolvida na história...

Claudia says

Fico tão feliz por não ter desistido deste escritor. Foram quatro livros antes de me apaixonar por ele. "O Filho de Mil Homens"; "Contos de Cães e Maus Lobos"; "A Desumanização" e "A Máquina de Fazer Espanhóis" fizeram parte das minhas leituras ao longo dos anos, mas ainda não estava convencida. Gostei sem amar. Amei sem saber.

Mais aqui:

<http://amulherqueamalivros.blogs.sapo...>

Manuela Barradas says

"A cegueira era uma lentidão na vida das pessoas." - pág. 39

"Esperaram pelo sono para se mudarem para o dia seguinte. Havia sempre esperança na travessia noturna. Cada Deus revia a criação no quieto da noite. Acender os dias era sempre a possibilidade de uma nova criação. Era importante dormir com esperança." - pág. 40

"ela sabia apenas da beleza das palavras porque era com elas que se explicava o mundo. Chegava a gostar das coisas cujos nomes soassem bonitos. Julgava que os nomes acusavam a propriedade do que queriam significar, ainda que tantas vezes tocasse em coisas más, que a picavam, agrediam, procuravam devorar ou a adoeciam. Ainda assim, guardava da beleza uma ideia sobretudo discursiva." - pág. 174

Pequete says

Decididamente, gosto dos livros deste rapaz. Embora por vezes exagere no escangalhar do português, tudo acaba por fazer sentido, e a prosa flui sem esforço e quase sempre muito bonita. Embora não tenha gostado tanto deste livro como d' O Filho de Mil Homens, gostei bastante desta história de amor, perda, ódio e reconciliação.

Helena says

Opinião publicada em: *As Horas... que me preenchem de prazer.*

Perante tão intensa leitura o sentimento de que qualquer palavra minha não passará de uma vacuidade é uma certeza. Remando contra esta corrente, a obrigação de partilhar convosco o deslumbramento que me proporcionou impôs-se.

Antes de mais, convém expor que a minha atracção pela cultura japonesa é elevada, não ultrapassando, até ao momento, o que conheço através do anime que tenho consumido desenfreadamente nos últimos anos.

Valter Hugo Mãe bebeu profundamente *in loco* das tradições e lendas japonesas. A sua narração lírica, que tanto me lembrou a do contador japonês Yoshi Hioki, impõe uma leitura pausada, infinitamente atenta, para dar lugar à absorção do que a simplicidade escuda.

Em *A Desumanização*, o anterior e único livro que havia lido do autor, levando-me numa viagem até à Islândia, uma dor e uma agressividade latentes estiveram sempre presentes tanto na Natureza como nos indivíduos. Neste *Homens imprudentemente poéticos*, momentos de intensa ternura, através das personagens da senhora Kame, a mãe longínqua, e da sua Matsu, a jovem cega, grandiosa até na sua forma limitada de reconhecer o mundo, causam admiração pelo seu despojamento e, acima de tudo, pela gratidão demonstrada.

No entanto, são os vizinhos desavindos, Itaro san, o artesão de leques, e Saburo san, o oleiro, o epicentro: enquanto Itaro, não obstante conceber peças de uma beleza inefável, se seduz por actos de violência para neles encontrar trágicas previsões, Saburo é a sua antítese, cultivando um jardim para moldar a natureza.

Após a morte da esposa do oleiro, também ele sucumbe à violência e provocações surgem de lado a lado, certeiras como golpes cirúrgicos, culminando num ódio desmedido. Será este exarcebar não mais do que a expressão dos medos: a fome, a miséria, a solidão e a morte que a todos assolam e que conduzem à irracionalidade da barbárie. Ainda que encontrem uma espécie de redenção, a felicidade ficará longe do seu reduto.

E, por último, o contraste entre a cultura japonesa e a ocidental nota-se em algo tão avassalador como a floresta dos suicidas [vejam mais sobre a experiência do autor neste local aqui]. Perto da aldeia, existe esta floresta onde os que desejam morrer se embrenham, não sem antes atarem uma corda a uma das árvores na sua orla. Serve esta corda para, no caso de as suas reflexões os levarem ao arrependimento, poderem encontrar o caminho de volta e se reencontrarem numa espécie de ressurreição. O autor colocou-a neste local para conveniência da narrativa, apesar de, na realidade, se situar no monte Fuji. Ora, a maior diferença prende-se com a aceitação dos japoneses perante o suicídio. Não há uma necessidade de dissuasão colectiva, parte de uma decisão individual cujo final levará o ser de volta à terra, sua origem.

5,0/5*

Isabel says

2,5*

Quando li "O remorso de Baltazar Serapião", estabeleceu-se entre mim e Valter Hugo Mãe uma certa desarmonia. Depois, quando li "A desumanização", a desarmonia existente adensou-se. Agora, com "Homens imprudentemente poéticos" a desarmonia não se dissipou. Por isso, eu e o Valter Hugo Mãe estamos conversados!

Helena Romera says

No lançamento do seu novo livro em São Paulo, Valter Hugo Mãe disse por diversas vezes que este é o seu melhor livro. Sou obrigada a concordar. Apesar de a máquina de fazer espanhóis ser sempre o meu livro preferido dele (e da vida toda), esse livro é o melhor do autor, do ponto de vista da escrita. Está impecável. Ainda mais poético e sabendo usar de uma forma única a língua portuguesa. E acho que também por tudo isso, foi o livro mais difícil dele que já li. É daqueles livros para se ler bem devagar, se permitindo a entrar na escrita e na história, que como os demais livros de Valter Hugo Mãe também tem um tanto de fantasia e de sem-sentido em algumas passagens. Gostei muito, muito mesmo e já fiquei com vontade de ler de novo, pois tenho certeza que vou perceber outras nuances da escrita que não tinha me atentado nessa primeira leitura.

Maria João (A Biblioteca da João) says

9 de 10*

“Homens Imprudentemente Poéticos” marcou a minha estreia na leitura de livros escritos pela mão de Valter Hugo Mãe.

Marcou-me, principalmente, a forma bela como faz uso do nosso português. Não sendo uma leitura fácil ou ligeira, é contudo bela e poética e cada frase diz muito mais do que aquilo que está escrito.

Comentário completo em:

<http://abibliotecadajoao.blogspot.pt/...>

Carla says

O início da história é interessante e parecia prometedora, pois há, de facto, alguma poesia nas personagens principais: dois vizinhos, um artesão fabricante de leques, e um oleiro, ambos residentes numa aldeia japonesa, perto de Quioto, num tempo imaginário. O primeiro vive com a irmã cega e uma criada, tendo a capacidade de adivinhar o futuro em animais mortos, mas o que prevê são sempre acontecimentos trágicos. O segundo vive com a sua mulher, por quem sente um amor desmesurado, e que tudo faz para a proteger, inclusive plantar um imenso jardim até ao sopé das montanhas, de forma a afastar todos os animais selvagens, sobretudo depois do seu vizinho artesão antever a morte da sua esposa por um destes animais.

Mas com o desenrolar da história, os dois homens e as suas vidas deixam de ser poéticas para passarem a ser cruéis e insanas, pois, após o artesão decidir entregar a irmã a um comerciante rico sem esta o saber, depois de adivinhar que ele próprio iria ficar cego e, conseqüentemente, deixar de conseguir prover ao sustento da família, e a mulher do oleiro ser morta por um animal selvagem dentro da sua própria casa, os dois homens decidem destruir-se um ao outro por motivos e sucessivas provocações fúteis. E a partir daqui, a história torna-se cada vez mais violenta.

Parece que estamos a assistir ao declínio moral e mental de dois homens, cuja maldade e loucura se apoderam das suas mentes e dos seus corações.

E eu tenho uma interpretação da poesia como uma forma de beleza que anda de mãos dadas com o amor e a bondade e não com o ódio e a maldade. Esteja certa ou errada, é a minha forma de pensar e de sentir, obviamente muito subjetiva.

Outra situação que no livro se mostra ser muito angustiante é a peregrinação de pessoas para a montanha junto da aldeia, as quais vêm de todo o Japão para aí cometerem suicídio, o que realmente acontece, perante a passividade dos aldeões, que me parece fazer parte da cultura do Japão, pelo menos de acordo com a ideia que o autor nos transmite. E isso é para mim muito, muito triste, e muito, muito fatalista.

O próximo livro que vou ler tem de ser menos deprimente do que este. Afinal, estamos na Primavera, altura em que a Natureza traz-nos a vida, o nascimento, o crescimento e a esperança.

Antonio says

"It was just like defining a pain as a gratitude."

Beautifully sad. In this lovely and tragic story, Valter Hugo tells us about two neighbors: Itaro and Saburo. An artisan and a potter who live in a village near Aokigahar, also known as the Suicide Forest right by Mount Fuji. These two men, however, plan to kill each other.

"We are rational. It keeps the sadness but takes care of the dignity"

Not only hate is shared by Saburo and Itaro, they also share their loneliness after the losses of women to whom they dedicated their lives. Lonelier than before, both must learn how to live with solitude and with themselves.

"Thing which looked lonelier than others. Said her, talking about the corpses of the hanged."

It seems as a simple-not-simple story. Despite that, what makes it so incredible and outstanding is Valter Hugo's writing. He masterfully writes this story using tears and sadness as ink on the paper, without losing its beauty anytime. Yet, some excerpts are harsh; I had to put the book down a few moments to get through its pages. In spite of the pain staged on his words, it was worth it. A magnificent book which I'd recommend to anyone!

"He reminded himself, the beggars were theatrical. They were far from lying. They depicted despair with talent."

Laryssa Almeida says

"distráidos pela poesia, adiavam todas as decisões."

Márcia Balsas says

Foi como ser abrigada pelo silêncio. E eu gosto do silêncio. Tanto que o procuro sempre, e abrigo-me nele como quem se aconchega debaixo de uma asa cálida.

Este livro trouxe-me silêncio. Porque quando entrei nas suas páginas o mundo calou-se. Não havia mais nada além das palavras. Que não foram serenas. Nem me trouxeram paz. Nem mesmo o amado silêncio. Estas palavras são mágicas. Rodearam tudo de silêncio para, só elas, serem escutadas.

Avançar nas páginas foi como submergir, como se a leitura fosse criando uma bolha que isola quem lê, como

se o livro passasse a ser dono do espaço, do tempo, e até do ritmo. Ler Homens Imprudentemente Poéticos é obedecer. É ler ao compasso imposto, lento, por vezes arduamente lento, como se uma página pudesse durar dias e a releitura fosse uma urgência, uma imposição que, de cada vez, oferecia novas descobertas.

A delicadeza habitual da escrita de Valter Hugo Mãe funde-se de modo perfeito na serenidade do Japão, país que mesmo para a guerra se apoia na concentração, em que a violência é pensada, meditativa, mas não menos mortal. Das artes marciais ao Ikebana os mesmos princípios, mas objectivos tão díspares quanto a morte e a beleza contemplativa.

A simplicidade, quase infantil, é um engodo hábil em que me enredei sem resistência, cedendo com prazer à narrativa poética que, ardilosa e bastante mais complexa do que se suspeita à partida, me foi surpreendendo com ocasionais socos no estômago, dos quais não me queixo. Ao contrário, agradeço. Ou não fossem as leituras dolorosas as que mais marcam, e as que guardo de forma definitiva nas minhas memórias mais singulares.

A viagem é longa. Mas apesar do Japão ser distante as premissas de Homens Imprudentemente Poéticos são comuns a todas as geografias. Há o ódio que, não se sabendo bem porque surge, é alimentado de picardias e provocações numa sucessão de dias que lhe dão uma dimensão irracional. Tão longe pode ir a aversão ao próximo que a morte se afigura como uma possibilidade lógica. A violência é apenas mais um passo. O medo é inexplicável, mas todos o sabemos sentir. Na relação de dois vizinhos que se atormentam de ódios, e vivem entre a defesa e o ataque como num campo de batalha, o medo é inevitável. É como uma corda que num dia é puxada com mais afinco por um, e no outro dá mais metros ao seu inimigo. O receio da corda quebrada é palpável e a espera consome por dentro.

Ítaro e Saburo são os vizinhos que se perseguem e controlam. Com as mesmas mãos com que criam beleza, Ítaro pinta leques muito belos e Saburo produz peças de olaria, procuram concretizar vinganças. As mesmas mentes que pensam beleza planeiam maldades, numa constante dualidade. Ou não fossem eles humanos.

É curioso como um livro que, geograficamente, leva o leitor para longe e lhe apresenta uma floresta feita de silêncios, pode transmitir uma sensação de tão forte proximidade. As diferenças culturais são evidentes, mas nem mesmo os distintos modos de encarar a morte trazem maior ou menor poder sobre o que se teme. Ou sobre aquilo de que se sente falta. E é, por vezes, no escuro que melhor se vê o caminho, escutando os sentimentos ao mesmo tempo que se tapam os olhos.

“A cegueira era, a cada instante, uma expansão”. Citação. Página 205.

Como o próprio Ítaro que, no seu confronto forçado com as sombras, encontra no fundo de um buraco escuro a pessoa que ainda não tinha descoberto na superfície. Há um renascimento no enfrentar do medo, não o subestimando, mantendo o temor e até mesmo criando dependência daquilo que se receia. A viagem do auto-conhecimento é solitária.

Homens Imprudentemente Poéticos descobre-se aos poucos. Exige a entrega que já referi. Espanta pela linguagem destemida, diferente, a que parecem faltar palavras que afinal não fazem falta. Tem a originalidade de quem escreve sem medo do risco. De quem escreve como quer. De quem escreve como sente.

Sublinho e faço anotações nos meus livros. Coloco marcas com a ideia do regresso. Neste caso refreei o impulso, por reear sublinhar o livro todo.

Homens Imprudentemente Poéticos não se esgota nas vezes que se relê. É uma leitura que termina nunca. (Texto lido na apresentação de Homens Imprudentemente Poéticos, na Livraria A das Artes)

<http://planetamarcia.blogs.sapo.pt/ap...>

Rita says

"Homens Imprudentemente Poéticos" é a mais recente obra de Valter Hugo Mãe, para mim um dos melhores escritores portugueses da actualidade. Os temas abordados neste livro são transversais às várias obras do autor: a morte, o medo e o sentido e importância que cada um de nós atribui à vida.

"Esperaram pelo sono para se mudarem para o dia seguinte. Havia sempre esperança na travessia nocturna. Cada deus revia a criação no quieto da noite. Acender os dias era sempre a possibilidade de uma nova criação. Era importante dormir com esperança."

Acho curioso que à quarta obra, ainda me deixe surpreender pela escrita poética de Valter Hugo Mãe, não sei onde é que o senhor vai buscar imaginação para reinventar a escrita, sei é que resulta sempre tão bem!

Se no seu último romance, "A Desumanização", o autor nos leva a conhecer a Islândia, em "Homens Imprudentemente Poéticos" viajamos até ao Japão. É na floresta Aokigahara, conhecida como a floresta do silêncio, que todos os anos várias pessoas entram para nunca mais sair. Levam com elas uma corda que lhes abre dois caminhos: o da vida e o da morte. É na floresta do silêncio que todos os anos, vários homens e mulheres decidem pôr termo à vida.

Nota-se uma evolução na escrita comparativamente aos últimos romances, este é provavelmente o mais lírico e profundo, e talvez por isso esta não seja uma leitura fácil. "Homens Imprudentemente Poéticos" é daqueles livros que queremos muito ler, saborear a escrita e devorar páginas, só que essas duas vontades não são compatíveis. Não esperem um livro fácil, muito menos fluidez, para mim foi necessária alguma paciência extra.

Ainda que possa não ser justo comparar este romance aos anteriormente publicados, tenho de o fazer e confessar que continuo a preferir "A Máquina de Fazer Espanhóis", não é fácil destronar essa maravilha. Para quem nunca leu Valter Hugo Mãe e não sabe por onde começar, sugiro "A Máquina de Fazer Espanhóis" ou "O Filho de Mil Homens", estão extraordinariamente bem escritos e proporcionam leituras mais acessíveis.

Opinião no blog:

<http://clarocomoaagua.blogs.sapo.pt/o...>

Ana Cruz says

"O que se opõe ao amor se afeiçoa à morte".

Esta é uma história essencialmente sobre morte e sobre amor. É uma parábola sobre opostos. Encantou-me desde a primeira frase ou o primeiro parágrafo o irresistível estilo do autor. De traços contemporâneos, a que a época deve obrigar, é incrivelmente belo. Devo até dizer incrivelmente fresco, de matar a sede, como a menina Matsu diria dos leques do irmão... Matou-me a sede, mesmo tendo lido esta obra no seguimento de louvadas obras clássicas de autores premiados (foram eles Kafka e Hesse) e senti que era possível aprender com cada palavra sobre a Língua Portuguesa e como esta deve ser manipulada, de modo a sublinhar todo o brilho das palavras. Estas palavras juntavam-se em metáforas, convocando ideias que simultaneamente eram colocadas num ponto fulcral da própria narração. Li com um gosto imenso antes de saber o que estava propriamente a ler. Bebi o que se tornou numa preferência pessoal que me conseguiu matar uma sede que nem me apercebi que tinha.

Interessei-me por este livro não só pelo autor que o escreveu, mas também por ter tido conhecimento que tratava uma história passada no Japão. Chegando assim, finalmente, à história em si, esta é magistralmente equilibrada no ambiente em que adquire forma. Sinto que preciso de ler mais livros do mesmo autor para poder ganhar força quanto a esta observação, mas creio que a espiritualidade inerente à cultura japonesa transcende no ambiente criado nesta obra e não só na história em si. Este ambiente sabe igualmente bem tornar-se intenso quando a narração assim o pede, acompanhando o leitor não só pelo meio da aldeia, mas

também o espaço interior das personagens.

Nota-se o cuidado em como a história foi construída, pois leva por exemplo muito tempo para dar a conhecer as suas personagens, o qual nunca achei demasiado, mas sim necessário e agradável. Esta precisa também desta base sólida uma vez que é densa no que transmite, colocando-nos perante vários opostos: morte e amor, sensatez e infantilidade, realidade e fantasia, luz e escuridão, solidão e companhia, útil e fútil, belo e feio, novo e velho, próximo e longínquo, felicidade e tristeza... e são igualmente abordadas várias formas de lidar com todos estes aspectos, as quais divergem entre si, consoante as personagens em que nos focamos. Este estudo de antónimos, entre os quais muitas vezes se encontram semelhanças, é feito de forma incrivelmente bela e interessante. Contudo é aqui também que reside a razão de dar a este livro quatro em vez de cinco estrelas. Apesar de me ter imergido neste mundo e especialmente nestas palavras com tanto gosto, não me consegui identificar com muitas das questões levantadas. Senti que olhava maravilhada um obra de arte, mas apenas de forma distante. O estilo chegou a remexer-me as entranhas, como se pretende com a "boa arte", mas a história não. Apesar disso estive perto, muito perto das cinco estrelas e com certeza reservo esse lugar para uma outra obra do mesmo autor ou até a esta mesma obra noutra fase da minha vida.

Concluindo, Valter Hugo Mãe cria um mundo incrivelmente belo, fantástico desde o modo como é apresentado, até a como é desenrolado nas nossas mentes, chegando a roçar a perfeição. Não é de leitura inteiramente fácil, o que pode contribuir para um gosto acrescido na intelectualidade que requer. Recomendo a toda a gente que se interessar por este aspecto, por literatura em geral e pelos temas abordados, especialmente a dicotomia amor/morte.

Termino com uma citação preferida:

"A felicidade está na atenção a um detalhe. Como se o resto se ausentasse para admitir a força de um instante perfeito."

Daniela Reis says

Valter Hugo Mãe é o nome artístico do escritor, editor, artista plástico, apresentador e cantor Valter Hugo Lemos. É um português nascido em Angola, na cidade de Saurimo. Já ganhou vários prémios, entre eles o de Melhor Romance do Ano, em 2012.

Homens Imprudentemente Poéticos é o seu último romance, publicado em 2016 pela Porto Editora. Retrata a história de uma pequena aldeia do Japão antigo e gira em torno da inimizade estabelecida entre dois vizinhos.

Ao escrever esta história, o autor visitou o local que mais foca ao longo das suas páginas: Aokigahara, também conhecida como a Floresta dos Suicidas. As estatísticas mostram que neste local se suicidam centenas de pessoas a cada ano, um ato que as autoridades locais tentam desencorajar mas que continua a existir, tornando a floresta no segundo local mais comum no mundo.

Continua em:

<http://menteliteraria.blogs.sapo.pt/h...>
